

195 “EU CUMPRI ORDEM”



Ronaldo de Oliveira

“**B**oa tarde, senhores e senhoras, senadores e senadoras, autoridades aqui presentes, deputados, vivo hoje indiscutivelmente o dia mais doloroso da minha vida. Gostaria de ter passado minha existência sem precisar viver um momento dessa natureza. Vou me esforçar para não chorar. Sei que vou precisar constituir um advogado, que inclusive vou estar respondendo um processo interno na Casa [Senado] onde sou ré.

Não quis fazê-lo hoje porque certamente um advogado iria cercear a minha liberdade nessa sala. Ele iria me proteger daquilo que errei e a minha verdade teria que sair interrompida, para me proteger. Eu não quero esta proteção. Quero falar a verdade inteira. Por isso a minha alma vai ser aberta com a verdade.

Quando tenho ouvido falar: ‘vai ter que provar, vai ter que provar’, digo que não estou aqui para cassar senador [a comprovação do envolvimento dos senadores José Roberto Arruda e Antônio Carlos Magalhães na violação do painel de votação pode resultar em processo de cassação de mandato por quebra do decoro parlamentar]. Eu estou aqui pra dizer a verdade. Uma verdade que eu não tive outro caminho senão dizê-la. Então, o que eu puder oferecer de elementos de convicção, tudo bem, naquilo que eu não puder, será dito da mesma forma porque eu vou dizer o que aconteceu.

Gostaria de fazer uma rápida colocação da minha vida profissional: eu entrei no Prodasen em 1º de dezembro de 1975. Há mais de 25 anos. Entrei como estagiária de programação e percorri todas as etapas técnicas dentro do órgão. Na época, eram poucas as mulheres que trabalhavam nessa carreira. Fui programadora, analista de sistema, gerente de contas que

atende a gabinete de senadores, diretora de desenvolvimento de sistema.

Em 1991, tive pela primeira vez a honra de ocupar o cargo de diretora-executiva do Prodasen, durante toda a administração do senador Mauro Benevides, e depois por um período da gestão do senador Humberto Lucena. Pedi para me afastar porque estava vivendo um momento difícil, tinha perdido um filho, saído de CPIs muito pesadas (...) Com a entrada do senador Antonio Carlos Magalhães voltei a dirigir o Prodasen, tive essa grande honra.

Gostaria de dizer que a escolha do diretor do Prodasen é um processo democrático (...) Fui eleita pelos meus colegas sempre com votação expressiva e os senadores normalmente apoiaram minha condução ao cargo. Assim foi também quando o senador Antonio Carlos Magalhães me nomeou (...) Me dói profundamente a lesão que este processo vai causar ao Prodasen. O Prodasen é

um órgão de fundamental importância nos momentos mais importantes dessa nação. Assim foi na Constituinte, no processo de Orçamento, durante todas as CPIs.

Lamento terrivelmente ter quebrado um processo de absoluta confiança entre senadores e servidores (...) Se, lidando com dados sigilosos se fala que o senador ou o servidor vazou [passou a informação adiante], isso é uma coisa muito grave (...) Existe uma cultura daquela Casa [o Prodasen] do ponto de vista da seriedade do sigilo, não só da competência técnica. A cultura de saber lidar com dados sigilosos.

O Prodasen permanece com a mesma cultura, com os mesmos valores. Não subestime o Prodasen a partir de hoje, as pessoas valorosas que lá estão e continuam (...)

Antes de entrar no mérito da questão, quero falar como eu lamento isso estar acontecendo em relação a dois senadores de minha estima [Arruda e Antonio Carlos Magalhães]. O senador

Antonio Carlos que eu aprendi a respeitar e a admirar e só conheci pessoalmente nomeada [Regina foi posta na direção do Prodasen pelo senador]. Já falei muitas vezes o quanto sempre me impressionou nele a maneira séria como nos tratou. Nunca pediu nada que não fosse adequado, austero. Bravo demais é claro! Todo mundo que chega perto dele tem medo (...) Embora muitas vezes ele seja extremamente terno.

Quando se levava alguma questão, ele falava: “Mais uma decisão difícil de tomar”. Mas depois de ler e olhar todos aqueles relatórios ele falava: “Não, tudo bem é isso mesmo. Vai”. Foi essa relação que nós tivemos nesses anos [1999 e 2000, quando Antônio Carlos presidiu o Senado] (...) Lamento profundamente em relação ao senador José Roberto Arruda [Regina o acusa de ter ordenado a quebra do sigilo do painel de votação do Senado em nome de Antônio Carlos Magalhães], mas tenho que falar o que aconteceu.